

*O galego e o português
são a mesma língua?*

Perguntas portuguesas sobre o galego

MARCO NEVES

ATRÁS
editora



O GALEGO E O PORTUGUÊS SÃO A MESMA LÍNGUA?
Perguntas portuguesas sobre o galego

1.ª edição, junho 2019

2.ª edição, setembro 2024

© Marco Neves

© Do prólogo: João Veloso

Associação Galega da Língua

Santiago de Compostela (Galiza)

atraves@a.gal

www.atraves-editora.com

ISBN: 978-84-16545-43-8

DL: C 1362-2024

Coordenação: Valentim Fagim

Capa e diagramação: Miguel Durán

Imprime: Sacauntos Cooperativa Gráfica

Este livro está escrito numa variedade portuguesa da nossa língua

O autor doa os direitos para a AGAL

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

ÍNDICE

| | |
|---|-----|
| Prólogo de João Veloso..... | 11 |
| Uma pergunta surpreendente..... | 21 |
| Entre línguas e dialectos..... | 29 |
| Para quê falar galego?..... | 33 |
| Pequeníssima História das Línguas Ibéricas..... | 41 |
| Ortografias..... | 79 |
| Ah, a política!..... | 85 |
| O galego em dois sabores..... | 95 |
| Proximidades e afastamentos..... | 101 |
| Mas, afinal, qual é a resposta?..... | 121 |

PRÓLOGO

A CULPA MINHA NUM É...

Da primeira vez que fui apanhar sol a São Genjo, habituei-me a ir a uma mercearia de aldeia, no meio de uns canaviais. Era uma loja à antiga, onde se vendia de tudo um pouco, de frutas e verduras a manteiga e carnes diversas, do jornal do dia (era lá que eu ia comprar o castelhaníssimo *El País* todas as manhãs) às revistas cor-de-rosa, ao material escolar e aos brinquedos de praia. Qualquer lojeira do Norte do Portugal poderia ser igual àquela mercearia-papelaria-minimercado-retrosaria. Eu gostava de lá ir e ouvir as pessoas que falavam um galego diferente do da TV Galiza e diferente do galego dos intelectuais e académicos galegos que eu então ainda conhecia muito mal. Como me acontece sempre que me encanto pela música de uma língua, ficava com frequência à escuta de conversas alheias só para me deixar embalar pela sonoridade das palavras e pela coscuvilhice dos assuntos pequenos. Numa dessas manhãs, umas senhoras idosas falavam exaltadamente sobre qualquer assunto que já não recordo, até que a conversa terminou com uma delas, muito assertiva, defendendo-se: “A culpa minha num é!”. Aquele possessivo fora de lugar, aquele “num” igualzinho ao do Porto, a entoação categórica da senhora de lenço na cabeça, a forma verbal ditongada em fim de frase... – todos os atores e todo o cenário daqueles

minutos se poderiam passar em qualquer aldeola do Norte de Portugal, com a mesma cantilena e o mesmo palavreado. Aliás, lembro-me de, por momentos, ter pensado isso mesmo: qualquer velhota da Maia, nos arredores do Porto (onde eu vivia e continuo a viver), em qualquer mercearia antiquada poderia atalhar uma discussão amigável com um “A culpa minha num é!” perentório e definitivo, nasalado e ditongado, como o daquela avó zangada com as comadres.

A pergunta de Marco Neves – serão o galego e o português a mesma língua? – tem uma resposta tão difícil e longínqua como a clássica pergunta “O que é uma língua?” (e parte da dificuldade em responder à primeira é filha da impossibilidade de se saber o que dizer à segunda). Não vale a pena recordar aqui os inúmeros fatores – uns, linguísticos; outros, sociopolíticos e históricos – que levam um código verbal a ser catalogado por uns como “língua”, por outros como “dialeto” (assim como não vale a pena discorrer muito sobre os inúmeros mal-entendidos que circulam em torno do termo “dialeto”).

O certo é que, quando vamos à Galiza, a língua escrita nas paredes e a língua falada nas aldeias mais escondidas “soa a” português, parece português. Costumo mostrar aos meus alunos fotografias de um letreiro de uma loja em Ginzo de Límia: “Temos balas para matar porcos.”. Ou de placas de Vigo: “Centro de Saúde”, “Restaurante A Fonte”. Isto em que língua está escrito? A resposta, unânime e categórica, é: “em português!”. A culpa da resposta pronta minha não é. Ouvido, o galego pode diferir mais ou menos do português, mais ou menos do castelhano, mas aí cabe perguntar: de que português, de que galego, de que castelhano estamos a falar? Um português de Viana do Castelo convencido de que fala português e um português de Rabo de Peixe convencido

de que fala português entendem-se melhor ou pior entre si do que o mesmo português de Viana “falando português” e um viguês a “falar galego”? E o português de Portugal e o do Brasil? Não há quem delirantemente milite pela causa de que são línguas diferentes?

Mesmo para um linguista (ou sobretudo para um linguista), é por vezes difícil responder categoricamente *sim* ou *não* a este tipo de questões. O português usado pela alta burguesia de Lisboa é exatamente igual ao dos pescadores de Peniche? O dos magistrados no uso profissional da palavra é o mesmo que os mesmos magistrados utilizam em contexto familiar, em casa ou com amigos? O da gente ilustrada do Rio de Janeiro é igual ou diferente do dos favelados cariocas? O português falado em São Paulo é igual ao que se ouve em Porto Alegre? O de um falante unilingue do Porto difere ou não do de um angolano ou moçambicano que, além do português, fala e usa em diferentes contextos uma ou mais línguas africanas?

Mais do que entidades perfeitamente distintas e facilmente distinguíveis entre si, mais do que realidades discretas com barreiras e limites claramente desenhados – as fronteiras linguísticas são de longe muito mais difusas do que as político-administrativas, artificialmente impostas pelas guerras e pela História –, as línguas que partilham espaços e tempos comuns ou contíguos, *nas suas diversas variedades* (e não há língua que não conheça o fenómeno da variação linguística!), são mais vantajosamente entendidas se as compreendermos como realidades *contínuas*, como manchas com áreas sobreponíveis, como nuvens de dispersão. É claro que um linguista tende a olhar com mais insistência para aspetos estruturais e “estruturantes” de um código verbal, ou de dois códigos verbais, para os considerar duas línguas

ou duas variedades da mesma língua: como se flexionam os verbos? Ambos os códigos têm artigos? Definidos e indefinidos? Quais são? Como se expressam a existência, a posse, a localização? Há flexão nominal? Têm pronomes pessoais? Qual a ordem das palavras? Como se constroem a interrogação e a negação? Distinções de género? Quais? Como? Distinguem SER e ESTAR? Distinguem “imperfeito” de “perfeito”? Nesta visão muito estrutural, o português e o galego parecem ser a mesma língua: os artigos definidos e indefinidos têm formas, usos e distribuições comparáveis; o léxico original de uma língua e de outra é praticamente o mesmo; a posse exprime-se com um verbo acusativo descendente do latino *tenerē*; a flexão verbal, a ordem das palavras, a negação frásica, a sufixação diminutiva usam exatamente os mesmos meios e recursos morfossintáticos.

Em que é que o galego e o português diferem, então? Pergunta difícil de responder com um *nisto* ou *naquilo* simples e simplista. Antes de mais, convém repetir novamente a pergunta: de que galego e de que português estamos a falar? Do galego dos pescadores das Rias Baixas ou do galego dos universitários de Compostela? Do de Ourense ou do de Pontevedra? Do português de Melgaço ou do de Lisboa? Do dos universitários de Coimbra ou do dos camponeses alentejanos?

Mantenhamo-nos num referencial de comparabilidade mínimo e admitamos que estamos a falar do português “europeu padrão” (aquele que é falado pelas camadas mais escolarizadas da faixa litoral entre Lisboa e Coimbra, que é supostamente o mais presente nos meios de comunicação audiovisual de âmbito nacional, que é identificado pelos falantes como a “norma culta” e que é expectavelmente usado e transmitido na escola – e quantas interrogações e dúvidas

UMA PERGUNTA SURPREENDENTE...

Este livro foi escrito para portugueses e para galegos — por esta ordem. E porquê por esta ordem? Porque os galegos, mal ou bem, sabem que a pergunta do título faz algum sentido, qualquer que seja a resposta.

Já um português — um típico português sem interesse especial por questões de linguística — fica admiradíssimo com a pergunta. Aliás, um livro com esta pergunta no título será para ele um objecto estranho, vagamente ameaçador.

Pedindo, assim, desculpa aos meus amigos galegos, vou dialogar em primeiro lugar com os leitores portugueses.

Pois bem — perante a pergunta do título do livro — *O galego e o português são a mesma língua?* —, imagino que a primeira pergunta de um leitor português seja esta:

Isto é pergunta que se faça?

Sim, faz-se — pelo menos na Galiza. Repare no próprio objecto que tem na mão: é um livro escrito por um português, em português. No entanto, note o nome da editora: *Através*. Folheie o livro até à ficha técnica: é uma editora galega!

Realmente... O que faz uma editora galega a publicar um livro em português?

Não é o primeiro... Aliás, se pegar noutra livro desta editora ficará surpreendido! São tudo títulos muito pouco

estranhos aos nossos ouvidos... Aqui ficam alguns deles: *Um Elefante no Armário*, de Teresa Moure. *O Galego (Im) possível*, de Valentim Fagim. *Percursos Sem Roteiro*, de Joám Lopes Facal. *Tudo É Arte?*, de Natalia Poncela...

São autores portugueses?

Não: são mesmo autores galegos.

Por que razão escrevem em português?

Escrevem em galego — ou seja, na sua língua. Usam, no entanto, uma ortografia muito parecida com a nossa. A razão tornar-se-á clara ao longo da nossa conversa.

Sendo assim, imagino que a resposta que me irá dar à pergunta do título seja «sim»!

Calma. O assunto é mais complexo e interessante do que isso. Não revelemos já o final.

Confesso que nunca tinha ouvido falar desta questão...

Não me espanta: podemos viver, em Portugal, uma vida inteira descansados e felizes (tanto quanto o pequeno retângulo nos permite) sem que nos entre pelos ouvidos um eco que seja das batalhas linguísticas que atormentam os nossos vizinhos galegos. E, no entanto, ali acima do Minho, há uma discussão acérrima sobre a língua, uma discussão que roda à volta da pergunta: será que galegos e portugueses falam a mesma língua?

Para um português, a questão da divisão das línguas é bastante clara: nós falamos português. Os espanhóis falam espanhol. Os franceses falam francês. Podemos acenar com a miríade de confusões que desmancham a limpeza do nosso mapa linguístico. Não importa: a questão é fácil, pelo